



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

**A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O
TRABALHO EDUCATIVO ENTRE O DISCURSO TEÓRICO E PRÁTICO.**

TAISA DA ROCHA SILVA

**Fortaleza
2017**

TAISA DA ROCHA SILVA

**A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O
TRABALHO EDUCATIVO ENTRE O DISCURSO TEÓRICO E PRÁTICO.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Pedagogia da
Faculdade de educação da universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial
à obtenção de título de licenciada em
Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Luís Távora
Furtado Ribeiro.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S584m Silva, Taisa da Rocha.
A música na educação infantil : Sua contribuição para o trabalho educativo entre o discurso teórico e prático. / Taisa da Rocha Silva. – 2017.
47 f. : il.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Fortaleza, 2017.
Orientação: Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro.
1. Educação infantil. 2. Educação musical. 3. Música. I. Título.

CDD 370

TAISA DA ROCHA SILVA

**A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O
TRABALHO EDUCATIVO ENTRE O DISCURSO TEÓRICO E PRÁTICO.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Pedagogia da
Faculdade de educação da universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial
à obtenção de título de licenciada em
Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Franscisca Maurilene do Carmo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Doutorando. José Antônio Gabriel Neto
Universidade Federal do Ceará

A deus.

*Aos meus pais, minha família e amigos,
pelo apoio, companheirismo e amizade.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu protetor, meu amigo, meu socorro em momentos difíceis, por manter minha fé e esperança mesmo nos momentos mais turbulentos que passei durante a minha jornada acadêmica.

À minha mãe, pelo seu apoio que foi determinante, um dos meus alicerces, mesmo não se encontrando mais ao meu lado mas que foi figura determinante para ser o que sou e estar onde estou. Pela sua dedicação, sua força de vontade, seu amor e por acreditar, até em seus últimos dias de vida, no meu potencial.

Ao meu pai, um dos meus alicerces, que mesmo com pouco estudo, sempre lutou para oferecer aos filhos um bom estudo e crescer na vida. Pela sua proteção, seu apoio, sua fortaleza, por lutar para buscar o melhor de si, como ser humano. Por todo o seu esforço e empenho empreendidos ao meu favor.

Aos meus irmãos Ari e Bell, por acreditarem em mim, pela presença na minha vida e por nunca me deixar ser levada pelo sentimento de solidão que a falta da nossa mãe causa. Por incentivarem a buscar o meu melhor.

As minhas tias Athemisia e Dolores que sempre se orgulharam da mulher que me tornei, que me apoiam e estão ao meu lado sempre que preciso, ocupando um pouco a figura de mãe hoje em minha vida.

Aos demais familiares, com os quais pude vivenciar momentos de alegria e descontração, pela tamanha preocupação de alguns, relacionado principalmente ao meu viés acadêmico.

As minhas primas Táfila de Paula e Anne do Vale, que procuravam sempre um jeito para me fazer desligar um pouco da tensão desse último semestre, fazer com que não me desligasse um pouco de todas as obrigações.

Ao meu primo Paulo Mesquita, que me incentivou a está cursando Pedagogia, que sempre acreditou no meu potencial. Por ser um dos grandes exemplos de estudante e pessoa para mim. Pelos seus ouvidos e braços nos momentos mais cruciais durante a minha jornada de vida.

As minhas amigas, Aryanna Florentino, Brenda Moura e Sâmia Rabelo, que com o tempo se tornaram como irmãs de coração, por serem figuras importantes na

minha caminhada, pela ajuda de cada uma para que eu pudesse chegar onde cheguei, e ter a certeza que sempre poderei contar com vocês, sinto-me orgulhosa por ter o carinho de vocês, pessoas tão diferentes mas que são de extrema importância e inspiração para mim.

Aos meus amigos, Luana Oliveira, Alan Wilson, Ruan Felipe, André Reis, Hugo Paiva, dentre tantos outros colegas, no qual tive o prazer de conversar por horas a fio, muitas vezes perturbando e batendo na mesma tecla, sobre a ansiedade e a vontade de terminar minha faculdade, sobre as dificuldades e meus dramas, sou muito agradecida.

As minhas colegas de faculdade, Albakellery Sousa, Larissa Lopes, Caroline Cunha, Tauane Gomes, Carlos Cesar, por ter sido muitas vezes o meu estímulo para continuar, as alegrias de todo um percurso universitário e por estarem comigo no momento em que mais precisei, ter me dado forças para continuar, sou muito grata por ter colegas como vocês. Gratidão principalmente a Marília Costa, que nessa etapa final foi de extrema importância, sou grata a todo o seu carinho e disponibilidade para comigo.

Aos demais colegas de curso que conheci no decorrer da minha caminhada, aprendi muito com todos, cada um deixou um tanto de aprendizado em mim, sou grata por cada momento com cada um naquele prédio.

As professoras da faculdade, Bernadete Porto, Kelma Matos que sempre estiveram próximas e foram mais que professoras, grandes amigas e exemplos de mulheres das quais levarei sempre no meu coração.

Ao meu orientador e tão querido, professor Luís Távora, sou somente gratidão a toda paciência, generosidade e exemplo de pessoa, obrigada por tudo e pela oportunidade que o senhor me deu.

A UFC, a Faculdade de Educação, aos funcionários, aos demais professoras, a todas as pessoas envolvidas nessa instituição, sou grata a tudo que vivi e aprendi no decorrer desses anos, todos os ensinamentos procurarei levar para minha vida.

RESUMO

Este trabalho trata da importância da música dentro do ambiente escolar, no período que se dá a educação infantil. A sua relevância com base em estudos realizados que vão do que é educação infantil, do desenvolvimento da criança, baseado nas teorias de desenvolvimento de Jean Piaget (1986), do que é a música na escola, as suas contribuições, e perceber se isso realmente ocorre. O quão rico seria a realização de atividades com o viés musical, com a junção do lúdico, proporcionando melhores momentos para o desempenho de cada criança. O objetivo é apresentar, de acordo com o histórico apresentado da música na escola, o que podemos fazer a partir do desenvolvimento de cada criança e do que a educação infantil pode proporcionar hoje para cada aluno, tanto no âmbito privado como no âmbito público. Foram realizadas entrevistas, com a aplicação de um questionário para um professor de cada ambiente educacional, realizadas também conversas informais com outros professores que já atuam por alguns anos dentro da sala de aula, a minha vivência em sala de aula e o que pude contribuir para a realização desse trabalho. O material utilizado para pesquisa foi baseado em livros e documentos nacionais, de acordo com alguns autores referência no que diz respeito a determinados assuntos, dentre eles, Cruz (2000), Luckesi (2002), Mársico (1982), Antunes (2003). Como resultados principais serão relatados se na educação infantil ocorre essa junção da música com outras disciplinas, se elas são realizadas constantemente, o que cada professor tem a oferecer para os seus alunos. A junto ao conhecimento teórico que é disponibilizado mas que cabe também a cada profissional a sensibilidade de buscar material para a realização da educação musical junto com a sua turma, a carência que existe dentro do curso de formação de cada professor.

Palavras-chave: Educação infantil. Educação Musical. Música

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	9
1	A CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	12
1.1	A infância e a sua história.....	12
1.2	A educação infantil.....	14
1.3	O brincar na educação infantil.....	19
1.4	A psicologia e o brincar: as contribuições de Jéan Piaget.....	24
2	A ARTE DE SE EDUCAR ATRAVÉS DA MÚSICA.....	29
2.1	O que é música.....	29
2.2	Aspectos históricos da música.....	30
3	A MÚSICA NA ESCOLA.....	32
3.1	A história da música na escola.....	32
3.2	A expressão da criança por meio da linguagem musical.....	33
3.3	A música como apropriação de conhecimento.....	35
3.4	Relação entre a formação do educando com a linguagem musical.....	37
4	RELATOS DE EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PROFESSOR DA REDE PÚBLICA, PROFESSOR DA REDE PRIVADA..	40
	CONCLUSÃO.....	43
	REFERÊNCIAS.....	44
	ANEXO A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	46

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata do quão importante é a educação musical dentro do ciclo da educação infantil. Com todo o suporte teórico do qual o educador tem disponível, muitas vezes se vê limitado as atividades mais clichês relacionadas a música, as cobranças das escolas públicas e privadas, por resultados. Esquecendo-se um pouco do lúdico e dando mais ênfase as atividades mais tradicionais, não se atentando aos ganhos que a criança pode ter, trabalhando também de uma forma mais leve, mais prazerosa.

A metodologia deste trabalho é de cunho qualitativo, foi desenvolvida com base em estudos da autora, depois de algumas inquietações durante o seu percurso acadêmico e profissional. Da limitação que era a educação musical nas escolas e do entendimento de que as atividades musicais vão além do conhecimento das letras. Da falta de suporte, dentro da faculdade, onde não havia, no decorrer da formação uma disciplina se quer sobre tal assunto. A falta desse conhecimento e o interesse no mesmo, fez com que pesquisasse e conhecesse mais sobre a educação juntamente com a música.

Com o decorrer do tempo, o aumento de mulheres que passaram a trabalhar fora de casa foi aumentando e com isso a necessidade de ser criado escolas para as crianças menores, chamadas de creches, essas se deram início em cidades que possuíam algumas atividades industriais. Por volta da metade do século XIX começou a ser criada os primeiros locais onde havia a educação infantil. Daí em diante foram criadas diversos sistemas para melhorar a educação, um desses o Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização. Criado para crianças de baixa renda. Foram criadas leis, resoluções para a educação infantil no Brasil, procurando sempre atender as necessidades das crianças.

Respeitando a os níveis de desenvolvimento que se encontra cada turma, entendendo que no início da vida a criança não possui discernimento sobre diversos processos no qual está inserido, que com o passar do tempo, passa a conhecer o seu mundo. Esse desenvolvimento, para Piaget, ocorre através das atividades, onde a pessoa aprende através de sua ação.

Sabendo disso, se fez necessário a criação de atividades que atendessem essa faixa etária que vai entre 0 e 5 anos de idade. Entendendo que este estágio o indivíduo é caracterizado por diversas ações que servem para satisfazer, e não precisamente para se alcançar um objetivo. Ao amassar uma folha, a criança não está interessada no resultado

final da ação e sim em seu prosseguimento, onde podemos chamar de brincadeira. A criança brinca para se divertir, cabe ao professor, ao termino de cada brincadeira, dirigir suas regras, ensinando aos alunos as relações interpessoais e de convívios éticos.

Ao brincar a criança está desenvolvendo diversas características, habilidade auditivas, a oralidade, o brinquedo não tem somente a função de satisfazer a criança, mas de explorar a sua criatividade, sua imaginação. Essas atividades, podem ser chamadas de atividades lúdicas, para que o lúdico ocorra é necessário que a turma esteja alegre, interessados na atividade ali realizada. O lúdico ajuda o ser humano a se desenvolver, desenvolver a sua identidade ao decorrer do tempo. A ludicidade não se limita somente ao jogo, a brincadeira, ela possibilita a pessoa um momento de plenitude, ela não se limita a alguém ou a algo que vai acontecer. Não se limita a palavras e sim pelo que foi vivido. A escola deve propor manifestações lúdicas das artes, das culturas. As atividades lúdicas podem ocorrer com qualquer objeto, não necessariamente os que são denominados de brinquedos.

Assim, podemos dizer que, quanto mais lúdico mais produtivo for o trabalho educativo, quando utilizamos a educação musical, saberemos mais do desenvolvimento humano. Quando a criança participa de atividades relacionadas a música, quando passa a se expressar verbalmente, corporalmente, através de sons, do canto, essa interação proporciona a representação do saber que é construída através da interação intelectual e afetiva da criança com o ambiente que lhe cerca.

Pode-se trazer para a sala de aula várias músicas, que podem ser analisadas como tema gerador de aprendizagem e desenvolver diversas atividades multidisciplinares com a mesma, cabe ao professor ter a sensibilidade e o conhecimento necessário para se fazer atividades nesse viés, e está dentro do planejamento da escola na qual o profissional está inserido atividades que possam proporcionar desses momentos mais lúdicos, compreender que não é somente da forma tradicional que as crianças aprendem e que com o lúdico , a educação musical também é de suma importância para o desenvolvimento de cada criança.

Devido a falta de conhecimento, que deveria ser adquirido através do curso de Pedagogia mas que é pouquíssimo ofertado, levando muitos professores a se limitar somente a questão do letramento, mostrar as canções, destacar palavras, não muito mais que isso, pois as escolas de hoje, como a sua maioria, tanto da rede pública, quanto a

privada, está baseada em resultados, as crianças se tornaram números para as escolas. Os professores tem o conhecimento que música é importante para as crianças mas não tem uma base de conhecimento suficiente para propor mais atividades e nem a instituição permite que saiam muito dos planos onde visam mais os resultados, algo engessado, mais tradicional.

Sabendo dessas dificuldades, o trabalho propõe um pouco mais do conhecimento sobre o que é educação infantil, o que é a criança e a ciência de que a criança aprende muito brincando, cabe aos educadores, as instituições uma sensibilidade, aprofundamentos a mais sobre este tema. Não que não ocorra esse aprendizado mas que se melhor fosse explorado, a educação não se tornaria um fardo, seria algo mais leve, mais lúdico de se ensinar, deixando um pouco de lado a tamanha cobrança que existe nesse período para que ao chegar no ensino fundamental, a criança não tenha dificuldades.

Esta pesquisa fundamenta-se nos pensamentos de grandes nomes da educação no Brasil, Cruz (2000), Luckesi (2002), Mársico (1982), Antunes (2003), as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e outros que com suas contribuições, por meio de estudos e pesquisas deram suporte para a realização no desenvolvimento deste trabalho, assim como se tornaram uma ponte de esclarecimento entre o tema abordado e a prática.

O trabalho encontra-se dividido em 4 capítulos. O primeiro trata da criança na educação infantil, a história da infância, o que é a educação infantil, a importância do brincar, do lúdico nesse período, e as contribuições de Jèan Piaget, seus estudos sobre as fases de desenvolvimento da criança. O segundo capítulo trata do que é música como geral e um pouco da sua história até os dias atuais. O terceiro relata mais especificamente a música na escola, sua história, a expressão da criança por meio da linguagem musical, a música como apropriação de conhecimento e a relação do professor com a linguagem musical. Por fim, no quarto capítulo trata dos relatos de professores da educação infantil, tanto educadores da rede pública quanto privada, uma visão de quem vive hoje dentro da sala de aula se a educação musical se faz presente com força, ou se é algo mais limitado.

1. A CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A escola de Educação Infantil possibilita e promove o brincar dos seus alunos. É possível realizar a brincadeira, o lúdico de diversas formas, viabilizando, cada vez mais, um desenvolvimento pleno, ou seja, um desenvolvimento social, cognitivo e motor.

É importante entender que a criança precisa estar em um local arejado, limpo, em boas condições para o seu crescimento. Na Educação Infantil, a criança possui a oportunidade de crescer de forma natural. É importante assim saber que o trabalho em sala de aula vai além do cuidar, o profissional está em constante busca de formas pedagógicas, que insiram jogos e brincadeiras para trabalhar com seus alunos, procurando que o conhecimento da criança possa evoluir de forma livre, mais satisfatória.

1.1 A infância e a sua história

Nota-se que ao longo do tempo o conceito de infância sofreu diversas alterações graças ao acervo de estudos relacionados a esta fase. É recente dizer que a infância é uma etapa do desenvolvimento da pessoa, com características bem definidas.

Antigamente, por volta da idade média, as condições de vida eram bem precárias, principalmente para as classes mais pobres. Nesta época não havia um longo período de estudos para poder ingressar no mercado de trabalho, como se ocorre nos dias atuais, as profissões eram aprendidas em casa, passando de pai para filho ou os jovens eram mandados muito cedo para locais profissionais onde eram definidos como aprendizes. Por volta desse período, na história não havia tanta diferença se o indivíduo dominava a escrita ou a leitura, pois não eram necessárias nas atividades exercidas naquela época. Portanto, logo se poderia considerar um adulto, participar da sociedade, não existia etapas de desenvolvimento tão pré-definidas como as de hoje, a forma de se ver a infância de como é definida hoje em dia é totalmente diferente dos tempos passados.

Nesse sentido é bom lembrar que uma importante função que a escola assumiu desde o século XV, e especialmente séc. XVII, foi a de disciplinar as crianças e jovens com o objetivo de domar os seus impulsos e que aprendessem os modos considerados adequados em cada época e sociedade. (CRUZ, 2000. p. 15)

As formas como vemos a criança hoje é bem diferente quando relacionamos a influência das condições econômicas e sociais de cada uma. É comum atribuímos

definições para o futuro de cada jovem, quando falamos em crianças quem nascem em famílias ricas, é comum caracterizar este jovem que vem de uma família de empresários, um indivíduo que terá um futuro promissor onde provavelmente ela irá assumir os negócios da família ou expandi-los; já alguém de uma família mais humilde, provavelmente terá uma enorme possibilidade de se encontrar no mundo do crime muito cedo, desempenhando alguma atividade que não necessite tanto dos seus estudos.

Percebemos, então, que o “sentimento de infância”, a forma como vemos e nos relacionamos com a infância, é construído social e historicamente, refletindo as condições em que é gerado e os interesses dominantes presentes num determinado momento. (CRUZ, 2000. P.11)

A infância não é única, ela traz modificações até mesmo dentro do mesmo período histórico, como também quando pegamos um número maior de crianças, cada uma tem sua particularidade. Isto ocorre quando a criança vive imersa em certo grupo social na qual a sua família está inserida, vivendo em um determinado tempo, recebendo influências externas e influenciando, sendo ensinado do que é correto e não correto de acordo com o ambiente em que ele está inserido. Como exemplo, uma criança criada numa fazenda no interior do Ceará aprende logo cedo o que é selar um cavalo, já uma criança criada numa metrópole, como Fortaleza, que nunca visitou uma fazenda, não tem ideia do que isso significa, não pode imaginar pois nunca viu e nem teve o contato com tal atividade.

É necessário que haja uma delimitação e definição dos conceitos de criança e de infância, percebendo as individualizações dessas duas categorias.

(...) crianças existiram desde sempre, desde o primeiro ser humano e a infância como construção social – a propósito da qual se construiu um conjunto de representações sociais e das crenças e para qual se estruturaram dispositivos de socialização e controle que a instituíram como categoria social própria – existe desde os séculos XVII e XVIII. (SARMENTO, & PINTO, 1997. p.13)

Para alguns historiadores a infância aparece como um objeto de estudo para a Psicologia, para a Medicina e para a Biologia, ficando limitado aos estudos sociológicos e históricos, somente no final do século XX que começou a aparecer muitos questionamentos e debates sobre esse conteúdo. Ao longo da história, o tratamento dado a criança foi sendo modificado por diversas vezes. Durante muito tempo as crianças não eram consideradas como sujeitos que tinham seus direitos e deveres garantidos, eram vistos como indivíduos à margem da família, só eram considerados a partir do momento

em que chegavam a idade da razão. As crianças eram consideradas como propriedades dos seus pais, dando o direito aos seus responsáveis dar o destino que achassem corretos para os seus filhos.

No ponto de vista de Santo Agostinho, devido à falta de linguagem, a criança vivia entranhada no pecado e era destituída da razão, sendo Agostinho, essa linguagem seria o reflexo da presença de Deus no homem. E para Descartes defendia a ideia de que a criança num período de imaginação dos sentidos, das sensações sobre a razão.

Segundo o pesquisador espanhol Franco Frabboni (1998), existem três momentos de grande importância na vida da criança ao longo da história:

O primeiro momento, ou Infância Negada aconteceu por volta da Idade Média, onde a criança, muito cedo, por volta dos sete anos de idade já era considerada um adulto, recebia até uma carteira de identidade de adulto, sendo capaz de ser incriminada penalmente.

No segundo momento ou Infância Institucionalizada, por volta da Idade Moderna, no período da Revolução Industrial, a criança se tornou o símbolo e o objeto das necessidades de afetividade, de reconhecimento e de cuidados corporais, que precisavam ser atendidas. Nesse intervalo de tempo, com as grandes transformações na sociedade, a criança foi reconhecida como personagem central do processo de modificação da família, foi aí que a escola apareceu como um local onde a família procurava apoio para o complemento da educação.

E o terceiro momento ou Infância Reencontrada, na civilização industrial, um período mais libertário, onde a criança vivia em termos psicológicos, biológicos e lúdicos, mas dentro da condição de que o desenvolvimento deveria ocorrer dentro do âmbito familiar ou escolar. Nessa etapa da história marcada pelas modificações políticas-sociais, a criança passa a ser vista como um sujeito de direitos. Nos termos pedagógicos, isso significa a garantia de algumas experiências educativas fundamentais ao seu processo de desenvolvimento, como as experiências de socialização, a participação das crianças na sua família, na sua escola, no seu bairro, a comunicação, a ludicidade, o movimento e a ação por suas próprias iniciativas.

Dessa forma, se faz necessário que as instituições de educação e o poder público comesçassem a observar uma nova imagem da criança, uma infância baseada no

sentimento, na fantasia, nas diversas linguagens. Assim, a definição para a criança como ser social, segundo Sônia Kramer (1996) discorre:

Dizer que a criança é um ser social significa considerar que ela tem uma história, vive uma geografia, pertence a uma classe social determinada, estabelece relações definidas segundo o seu contexto de origem, apresenta uma linguagem decorrente dessas relações sociais e culturais estabelecidas e ocupa um espaço que não é só geográfico, mas também de valor. (KRAMER, 1996. p. 43)

1.2 A educação infantil

A necessidade da educação infantil surgiu a partir dos deslocamentos das famílias do campo para as grandes cidades, com o aumento da quantidade de mulheres que passaram a trabalhar fora de casa, da quantidade cada vez menor de crianças nas famílias e os conhecimentos científicos que surgiram acerca das crianças. A maior concentração dessas creches se dava em cidades com alguma atividade industrial. Sendo necessários para o desenvolvimento infantil nessa nova etapa do ensino. Isso não implica em dizer que ela está sozinha, uma fase com sua própria e única função e sim atrelada aos outros períodos da educação, em um mesmo espaço social, onde tem sua grande importância para o desenvolvimento do ser humano dentro do período escolar.

É importante assinalar que desde esses primórdios, havia basicamente dois tipos de instituições para o atendimento à criança pequena: a creche, voltada para as crianças das camadas empobrecidas da população, voltadas mais para a sua guarda e alimentação, e as pré-escolas, em geral direcionada para as camadas médias e altas da população, com maiores preocupações com métodos pedagógicos que favorecessem o desenvolvimento das crianças (CRUZ, 2000. P.18).

As primeiras referências de creches populares surgiram por volta da década de 1870, com a preocupação de acolher os filhos das mães escravas, libertas pela chamada Lei do Ventre Livre. E por volta da metade do século XIX que começou a ser criada os primeiros locais onde se exercia a educação infantil, tidas nessa época como modernas e científicas. Tinham como objetivo diminuir as grandes taxas de mortalidade infantil, um modo de evitar a criminalidade, afastando o conceito de infância desvalida, o estímulo a tranquilidade dos ricos, onde não haveria mudanças sociais, mantendo os pobres gratos ao que as instituições lhe ofereciam. A abertura dessas creches teve como objetivo garantir melhores oportunidades trabalhistas para as operárias.

Por volta das décadas de 70 e parte da década de 80 os que possuíam poder não consideravam as diferenças existentes entre as classes, tanto no social como no cultural,

eram levadas em conta as crianças das classes média e alta, sendo essas o padrão para a educação, deixando de lado as classes sociais inferiores. Essa diferença se dá tanto no intelectual, crianças com menos inteligência, nos estímulos, alegavam pouco incentivo na vida desses menores e na carência afetiva, segundo eles as famílias mais carentes não conseguiam oferecer a atenção e o afeto necessário para a criança.

Não é culpando a injustiça social, a carência cultural que podemos definir o potencial de uma criança pobre. Deve-se entender que para alcançar uma educação infantil de qualidade, onde as experiências vividas sejam ricas e proveitosas, seja uma educação de qualidade, sem diferenças sociais, proporcionando igualdade para todas as crianças.

Graças a atuação da Unicef – Fundo das Nações Unidas para a infância, junto aos países ajudados procurava estimular a melhoria nas condições de vida das crianças. Esse programa veio em busca de novos caminhos para o jovem pequeno. Trazendo novas propostas para a diminuição dos custos de cada indivíduo, através principalmente da utilização dos espaços disponíveis em cada região, estimulando o trabalho voluntário tanto da comunidade como da família.

Foi através do Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização, que adotou as ideias da UNICEF, para crianças de baixa renda, principalmente nas regiões Norte e Nordeste, como áreas de prioridade para o atendimento de baixo custo, foi lançado o Programa Nacional de Educação Pré-Escolar. Mesmo com os problemas de material pedagógico, alimentações precárias e outros problemas esse programa se expandiu.

De acordo com a LDB/96 – Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, quando se trata da organização da educação, definiu-se que, o sistema de ensino entre a União, os Estados e os Municípios, a educação infantil fica sob a responsabilidade dos municípios brasileiros, entendendo como a primeira etapa na educação básica. Assim, depois da nova lei estabelecida, ficou ciente que as creches não atenderiam somente o setor assistencial, e sim ligado diretamente ao setor educacional. Com essa autonomia dos municípios, fez-se necessário a introdução de uma nova gestão da qual tratasse do sistema municipal de educação.

Até o ano de 1999, se fez necessário que cada município deveria inserir ao seu sistema municipal de educação as instituições comunitárias, confessionais e

filantrópicas que atendessem as crianças de 0 a 6 anos, integrando-se a rede privada, para o cumprimento da lei que expiraria em dezembro deste ano citado. Segundo essa lei as creches e pré-escolas devem estar sob a orientação, a supervisão e a coordenação das Secretarias Municipais de Educação. Esse feito não garantiria o sucesso somente pela lei, se faz necessário a formação, a qualificação o plano de carreira dos profissionais que ali estavam atrelados a educação infantil. Ter conhecimento das instituições onde esse ensino é realizado dentre tantas outras observações necessárias para poder chegar as falhas e assim tentar conserta-las, em busca de uma melhor qualidade dentro desse âmbito da educação.

Hoje não existem somente as creches públicas e privadas, contamos também com as creches conveniadas, da mesma forma as pré-escolas, são públicas, privadas e conveniadas e a desigualdade na qualidade de ensino é enorme. Mesmo com idade maior que 6 anos, ainda há crianças de famílias pobres e negras, com pouco conhecimento, esses alunos são passados de série, sem o conhecimento necessário para o ingresso no ano seguinte, muitas vezes chegando ao 5º ano não sabendo ler e com dificuldades para decodificar questões. Profissionais que necessitam de um melhor acompanhamento, uma formação mais preparada para lidar com os problemas que aparecem principalmente em regiões mais carentes. Essas e outras características são algumas das lacunas que precisam ser preenchidas para uma melhor educação.

Não pelo fato de ter ocorrido uma ampliação no atendimento a criança pequena que podemos dizer que houve uma democratização para essa fase em específico, a oferta de alguns programas para a melhoria desse faixa etária na educação muitas vezes chega somente no papel, a prática é falha, não conseguindo assim atender as reais necessidades ali encontradas, dependendo do meio social e físico em que esses programas são instalados.

É de suma importância que para a construção de um sistema de educacional, se faça necessário conhecer os problemas educacionais de cada região, os fatores históricos e geográficos ali encontrados e possuir uma teoria da educação, teoria esta que seja construída para atender todas as classes sociais, as estabelecendo junto a prática docente. Através dessas conquistas citadas na lei como amparo e assistência, passa a ser direito do indivíduo brasileiro, integrar ao âmbito escolar a família e a comunidade. As leis estabelecidas no país e que são referências como a LDB, trazem pontos importantes.

Segundo Cruz, (2000, p. 25):

- É direito da criança, dever do Estado e opção da família;
- A educação infantil é a primeira etapa da educação básica;
- A família pode optar se deseja ou não que seu filho(a) frequente essa etapa;
- A educação infantil é dividida em creche e pré-escola sendo a diferença entre ambas unicamente em termos da idade atendida (creche para crianças de 0 a 3 anos e pré-escola para as de 4 a 6 anos);
- A avaliação nessa etapa deve visar o acompanhamento do processo educacional da criança, não sendo usada para determinar a sua promoção no agrupamento/série seguinte, nem mesmo para o ingresso no ensino fundamental;
- O profissional que trabalhar diretamente com a criança deve ter no mínimo a habilitação de nível médio, na modalidade normal.

A partir dessas diretrizes pedagógicas surgem então novos conceitos de criança. Ela passa a ser vista como um ser ativo, com ideias, um ser emocional, que está em constante transformação, que independente da cultura na qual é inserida, ela sofre influencia direta desse meio, que ao longo do seu desenvolvimento, as relações construídas no âmbito social e físico são importantes para a evolução individual, a educação é importante para que a criança se torne um adulto produtivo e com valores dentro da sociedade na qual está inserido.

Segundo a Resolução N° 002/2010, do Conselho Municipal de Educação de Fortaleza, a educação infantil tem como objetivos:

- I – proporcionar as condições adequadas à promoção do bem-estar, da proteção, do cuidado e educação, das aprendizagens e do desenvolvimento da criança;
- II – estimular a criança a observar e explorar o ambiente em que vive, com atitude de curiosidade, percebendo-se como integrante, dependente e agente transformador do mesmo, valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;
- III – possibilitar à criança situações que a levem a estabelecer e ampliar suas relações sociais, articulando seus interesses e ponto de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;
- IV – promover situações de aprendizagens significativas e intencionais que possibilitem a apropriação e produção de conhecimento e cultura.

Na educação infantil deve se atentar ao fato de que o cuidado e a educação estão ligados profundamente, são funções complementares e indissociáveis. “todas as atividades ligadas à proteção e apoio necessários ao cotidiano de qualquer criança: alimentar, lavar, trocar, curar, proteger, consolar, enfim, ‘cuidar’, todas fazendo parte integrante do que chamamos de ‘educar’” (Campos. 1994b. p.35).

Sabendo que toda e qualquer criança tem o direito a prosperar e expandir os seus conhecimentos, a função pedagógica da Educação Infantil, é ciente e que não deve ser esquecido, que independente dos diferentes contextos socioculturais, é direito de todas as crianças uma educação e cuidado de qualidade, buscando atender as especificidades de cada contexto em que o indivíduo está inserido. Sabendo desse avanço, a função pedagógica deve está ciente das ações realizadas, assegurando para a criança o direito a brincar, como exemplo.

As pessoas que iram trabalhar nesse meio devem ter a consciência da importância do seu trabalho, entendendo que deve está constantemente se qualificando para que o trabalho possa se tornar cada vez mais prazeroso tanto para o profissional quanto para o público atendido. Claro que essa satisfação não cai somente sobre a sua formação, o que conta muito para um bom profissional e para a satisfação não só do professor como para a família, a escola como um todo são: os salários bem remunerados, a motivação que cada um recebe, uma alimentação saudável e reforçada, pois muitas vezes as refeições que os alunos fazem são somente oferecidas pelo colégio, uma proposta pedagógica que atenda as necessidades das famílias e da comunidade na qual aquela instituição está localizada, as condições das instalações onde estão locados, os materiais disponíveis para se trabalhar dentro e fora da sala de aula, os equipamentos em boas condições de uso, tudo isso conta para se obter uma educação com qualidade.

1.3 O brincar na educação infantil

No período pré-escolar de uma criança, é evidente a diferença nas atividades realizadas no seu estágio de desenvolvimento. Essas atividades são caracterizadas por diversas ações que servem para satisfazer, não precisamente para se alcançar um objetivo. O indivíduo não amassa uma folha ou joga uma bola no chão para se alcançar um resultado, ele está interessado no percurso que está havendo naquela atividade ali desenvolvida. Essa atividade que não está interessada nos resultados finais e sim no seu andamento, é denominada como chamamos comumente de brincadeira.

O mundo em que a criança vive e é conhecedora, está a todo o momento se amplificando. Acrescentando não somente os objetos dos quais ela pode manusear mas ela tem conhecimento também dos objetos que os adultos manuseiam, dos quais elas

não são capazes de manusear por não ter alcançado a capacidade física para realizar tamanho ato. A criança nesse período não possui ainda a consciência de muitas das coisas que lhe cerca, primeiramente ela vai agir, agir pela ação.

Não basta para a criança somente observar um adulto fazer um bolo, ela não se contenta com isso, não entende que ainda não alcançou certas características para realizar tal feito. Ela precisa realizar tal atividade, orientar, guiar, gerir. Ela ainda não pode fazer porque ainda não dominou todas as operações exigidas pelas condições reais de tal ação. Essa impossibilidade de executar certas atividades pode ser resolvida, para a criança, através da atividade lúdica, em um jogo. Isto é, sua prioridade não é o resultado final e sim o proceder da ação em si mesma. O jogo está livre da obrigação da ação, dos modos obrigatórios. É somente no brinquedo que se pode substituir, mudar as condições do objeto.

É no domínio do brinquedo que a criança chega a uma área mais ampla da realidade, uma área que ainda não é possível para ela, só podendo realiza-la em um jogo. O jogo então, torna-se a principal atividade para que a criança alcance níveis mais altos do estágio do seu desenvolvimento mental.

O papel dominante do brinquedo na idade pré-escolar é reconhecido praticamente por todos, mas para dominar o processo do desenvolvimento psíquico da criança neste estágio, quando o brinquedo desempenha o papel dominante, não é certamente suficiente apenas reconhecer este papel da atividade lúdica. É necessário compreender claramente em que consiste o papel capital das brincadeiras: as regras do jogo e do seu desenvolvimento precisam ser apresentadas. (...) Neste caso, o brinquedo é a atividade principal; é, por conseguinte, essencial saber como controlar o brinquedo de uma criança, e para fazer isto é necessário saber como submetê-las as leis de desenvolvimento do próprio brinquedo, caso contrário haverá uma paralização do brinquedo em vez de seu controle. (LEONTIEV, 1989, p 122)

O jogo e a aprendizagem:

Normalmente, ligamos a ideia de jogo à competição, mas na educação, não há esta ligação do sentido mais popular da palavra. Vez ou outra está ligada a competição, mas isso não prevalece. Ela se encontra mais próxima da sua etimologia latina, que significa divertimento, brincadeira, passatempo. Visa basicamente, dentro do âmbito educacional, estimular o desenvolvimento e a aprendizagem do indivíduo.

O brinquedo pode ser utilizado de diversas formas quanto ao seu manuseio, não existe regra distinta para esse e aquele brinquedo, já o jogo possui intenções lúdicas,

muitas vezes não-litera, provoca a flexibilidade do pensamento, um vínculo interpessoal dentro de determinados princípios.

Quando mediamos um jogo, temos que mostrar a importância do desenvolver da atividade, das regras estabelecidas dentro do jogo e não enfatizar o ganhar ou perder, isso é consequência que ocorre dentro do jogo ali estabelecido. Não podemos considerar o jogo como uma perda de tempo ou como uma prática que todos sabem, ele possui inferências importantes na vida psicológica de cada um, enquanto criança como adulto.

O professor tem que está ciente de que não pode separar em categoria o jogo, em jogos de ensinar e jogos de diversão, pois se o jogo estabelecido está proporcionando uma relação interpessoal, com regras e respeitando o desenvolvimento da criança ele é um jogo educativo, podendo concomitantemente ensinar e divertir. Esses bons resultados só serão alcançados se forem bem organizados, realizada dentro de regras claras.

Jogos bem organizados ajudam a criança a construir novas descobertas, a de desenvolver e enriquecer sua personalidade e é jogando que se aprende a extrair da vida o que a vida tem de essencial. Nesse sentido, toda essência do jogo se sintetiza em suas regras pois é operando dentro de algumas regras e percebendo com clareza sua essência que vivemos bem e nos relacionamos com o mundo. Jogar é plenamente viver. (ANTUNES, 2003, p.11)

A aprendizagem e o jogo não se dissociam quando estão relacionadas ao desenvolvimento social, ambas são importantes, ambas promovem o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento social. A criança brinca para se divertir, cabe ao professor, ao término dessa brincadeira, manejar suas regras ensinando aos alunos as relações interpessoais e de convívios éticos. O jogo pelo jogo em si não pode conter o desenvolvimento cognitivo e o incentivo as relações interpessoais, é necessário que o professor faça esse intermédio, não esquecendo do prazer e da alegria ao realizar tamanha atividade. A infância deve ser reconhecida como uma fase linda, onde a alegria e o prazer de jogar sigam juntas, em busca do propósito de aprendizagem. “A tarefa, pois, de uma boa educação infantil seria a de propiciar, através de brincadeiras, o afeto e a sociabilidade, dando voz aos sonhos infantis.” (ANTUNES, 2003, p 18)

Ao brincar a criança está desenvolvendo diversas características, sua linguagem oral, suas habilidades auditivas e sociais, o pensamento de associação, tomando para si as relações de seriação, classificação, dentre outras. Assim o brinquedo não tem a função somente de dar satisfação a criança, mas de explorar a sua criatividade, sua imaginação, de livrar a criança de frustrações, de dar significado a sua ação.

Uma escola não é definida como boa somente pela quantidade significativa de brinquedos caros e novos, eletrônicos ou vários jogos educativos, ela é considerada de qualidade quando se tem educadores que saibam utilizar os jogos, refletir sobre eles, que saibam tirar conhecimento e realizar ricas atividades com simples objetos naturais, aguçando a exploração imaginativa, descobrindo novas oportunidades.

Essas expressões referentes a jogos e brincadeiras dentro do ambiente escolar podem ser denominadas de atividades lúdicas. Mas afinal, o que são as atividades lúdicas? O que é ludicidade? Ao longo do capítulo, tentarei trazer algumas respostas para essas perguntas.

Como colocado acima, as atividades lúdicas são as expressões das brincadeiras, dos jogos, das festas, não somente dentro de sala de aula, pois o lúdico está presente não somente na infância, ela está presente também em outras fases da vida do ser humano, independente se ocorrer individualmente ou com mais pessoas. A ludicidade não irá acontecer de uma hora para outra, ocorrendo somente pelo fato de propor um jogo ou uma brincadeira, como em um passe de mágica. Para que ela ocorra, é necessário que, os que estiverem participando da atividade, estejam alegres, interessados em estar presentes ali, realiza-las com espontaneidade, trazer manifestações de dentro para fora, de uma forma natural, onde haja respeito de um pelo o outro, que ocorra uma verdadeira entrega ao momento ali vivido. As atividades lúdicas podem ocorrer com qualquer objeto quando este assumir um significado lúdico, não necessariamente por aqueles denominados brinquedos.

Segundo Luckesi, (2002, p. 24)

Enquanto estamos participando verdadeiramente de uma atividade lúdica, não há lugar, na nossa experiência, para qualquer outra coisa além dessa própria atividade. Não há divisão. Estamos inteiros, plenos, flexíveis, alegres, saudáveis. Poderá ocorrer, evidentemente, de estarmos no meio de uma atividade lúdica e, ao mesmo tempo, estarmos divididos com outra coisa, mas aí, com certeza, não estaremos verdadeiramente participando dessa atividade. Estaremos com o corpo aí presente, mas com a mente em outro lugar e, então, nossa atividade não será plena e, por isso mesmo, não será lúdica.

A partir dessa relação de entrega nos momentos lúdicos em sala de aula, se concebe um vínculo maior entre o aluno e o professor. O elemento lúdico se torna mais presente quando se é possível introduzir uma relação de respeito entre o educando e o educador.

Através das atividades lúdicas é que o ser humano vai desenvolvendo por meio do tempo a sua identidade. Pois muitas dessas atividades são imitações do que o adulto realiza, a criança vai em busca do entendimento de ser adulto, das diversas coisas que o

adulto faz e assim se desenvolvendo internamente, com o passar do tempo. No momento em que a criança está brincando, ela está externando diversos bloqueios dos quais não conseguiria se expressar de outra forma, muitos desses bloqueios são tão fortes que impedem a criança de brincar. As atividades lúdicas não auxiliam somente para a formação de identidade do indivíduo, mas também para a liberação de alguma etapa angustiante na vida daquele ser.

A ludicidade não se limita apenas ao jogo, a brincadeira, é algo que possibilita ao indivíduo um momento de plenitude, onde não há divisão entre o pensamento, a ação e a emoção. A ludicidade não depende de alguém ou de algo para acontecer, basta a entrega da pessoa, a utilização da fantasia, da imaginação. Um ato lúdico é algo que não se compreende em palavras e sim pelo que foi vivido. O lúdico não vem instalado em objetos, brinquedos, já fabricados, enraizada em atividades prontas. Para que ocorra, vai depender de como a pessoa irá se deixar levar pela experiência realizada naquele determinado momento, a sua entrega, quando se envolve por inteiro.

A educação lúdica compreende que, o ser humano constrói-se através das suas ações e do que entende por essas ações realizadas, o homem está se construindo sempre, essa educação ajuda a torna-lo uma pessoa saudável para si e para o mundo em que o rodeia. Toda essa ação gera uma transformação no indivíduo, agindo sob sua personalidade e assim cooperando para a sua construção pessoal. O lúdico é importante, independente da faixa etária do ser humano, sabendo que ao passar dos anos a vivência do lúdico é cada vez mais distante na vida de cada um, dando cada vez mais força para as atividades de lazer oferecidas pelo computador, pela televisão, deixando-os cada vez mais acomodados, solitários, se distanciando a criatividade, a afetividade mais constante na infância.

Quanto mais a criança vai evoluindo no âmbito escolar, mais ela se distancia da ludicidade, cada vez mais cedo elas negam a infância, são inseridas no mundo adulto. Cada vez mais as escolas buscam por resultados, criam metas de rendimento onde prioriza os números alcançados pelos alunos, cobrado a preparação para o mercado de trabalho, coibindo as atividades prazerosas ligadas a ludicidade no espaço escolar. A brincadeira não é vista como tempo pedagógico e nem valorizada como tal.

Muitas das vezes não se cria o hábito, dentro da sala de aula, das crianças brincarem mais. O professor possui certo receio de propor atividades que utilizem da brincadeira por serem considerados incompetentes no quesito educar, pelo fato de usar as atividades lúdicas dentro da sala de aula. Enquanto na escola, continuar presente a

ideia de que o tempo deve ser bem preenchido em busca de resultados, esse ambiente continuará sendo um local de desprazer tanto para o aluno quanto para o professor, devido as várias atividades repetitivas, mecânicas e controladas realizadas constantemente em sala. Esse problema é maior dentro da rede pública do que quando comparamos com a rede privada de educação, um dos motivos desse transtorno é a busca constante das escolas públicas de bons resultados em provas nacionais, para saber o quão os alunos estão sabendo ler e escrever na idade certa, em busca de números, esquecendo a essência da infância.

A escola deve propor para cada criança as manifestações lúdicas das artes, das culturas de outros povos, trazer as diferenças, as semelhanças com os demais. Para que isso ocorra deve haver a comunicação, a interação com os outros, o diálogo, um desprendimento por parte dos professores, de que as atividades lúdicas, mais dinâmicas geram bagunça, essas atividades produzem ação, movimento, produção e de certo modo sai do controle do educador, não sai como o planejado para realizar naquele devido dia com os alunos, isso pode causar mais questionamento em sala, não é algo metódico, quebra com as suas crenças de ensino, portanto, para muitos isso é algo de total desordem, muda o que foi planejado, foge da acomodação da sua práxis pedagógica. A possibilidade de vivenciar o lúdico na infância é deixada de lado para adentrar cada vez mais a disciplina, a responsabilidade, a ordem.

Não se pode generalizar e dizer que em todas escolas e todos os professores compartilham dessa mesma forma de ensino, cabe não somente a escola, mas ao professor em optar pelas técnicas de ensino da qual será trabalhado. Essa visão da práxis do professor mais mecânica, fechada, tecnicista ou as mais prazerosas, fluídas, apreciáveis no seu fazer pedagógico é de escola de cada educador e de cada instituição de ensino.

Esses métodos de educação mais prazeroso, leve, lúdico ainda são ignorados por muitos professores como também por muitas escolas. Essa desvalorização, de uma forma geral, ocorre por muitos desses não possuírem conhecimento sobre as diversas contribuições para o processo pedagógico que a ludicidade trás. Para muitos ainda é entendida como somente uma recreação, uma perda de tempo, se acomodando na pratica mais tecnicista, de resultados, onde o conteúdo é somente repassado ao aluno, colocado no quadro branco, sem nenhum questionamento e nem meios para atizar a busca do aluno em tirar duvidas.

1.4 A psicologia e o brincar; as contribuições de Jean Piaget

No início da vida, a criança ainda não possui o discernimento sobre os diversos processos no qual ele está inserido, com o passar do tempo ele passa a conhecer o seu mundo através dos sentidos. Para que o ser humano possa se desenvolver, crescer no que diz respeito a se conhecer, segundo Piaget, ocorre através das atividades, o indivíduo aprende através de sua ação.

Em Piaget, os jogos são compreendidos como recursos fundamentais dos quais o ser humano lança mão em seu processo de desenvolvimento, possibilitando a organização de sua cognição e seu afeto, portanto a organização do seu mundo interior na sua relação com o mundo exterior. (LUCKESI, 2002, p. 40)

Para Piaget, o desenvolvimento mental é uma passagem que se encontra em constante avanço em um caminho frequente de um estado menor de equilíbrio, para um estado de maior equilíbrio. Com o passar do tempo o desenvolvimento humano, a vulnerabilidade, a inadequação infantil vai se organizando, dando espaço, evoluindo para a concordância da lógica no homem. Como no campo afetivo, ao longo que a evolução humana se realiza, vai ocorrendo uma melhor organização no equilíbrio dos sentimentos. Esse equilíbrio também é observado nas relações sociais, que vão se solidificando gradualmente.

O fim do crescimento não implica em dizer que o homem irá parar e entrar em decadência, a afetividade e a inteligência, quanto mais constante, mais variabilidade terá. A mente está em constante construção. Do ponto de vista funcional, existem funções frequentes e comuns a todas as idades. Os interesses passam por várias considerações ao passar de um nível mental a outro, e as explicações disponíveis podem ter diversas formas de explicação, dependendo do grau de desenvolvimento intelectual do homem.

Segundo o autor, o ser humano está em constante processo de assimilação e acomodação. Essa assimilação ocorre quando a pessoa absorve do mundo ao seu redor informações e compara com o que há no seu interior, então ocorre a acomodação, onde irá ocorrer uma adequação as informações do mundo exterior. Esse processo de assimilação e acomodação não ocorre exatamente nessa mesma ordem, de forma tão simples e prática. São procedimentos complicados, pelo qual cada pessoa, em qualquer

fase que esteja vivendo, cria o seu modo de agir e reagir. O diálogo entre esses dois processos possibilita a construção do nosso eu em relação aos outros, ao mundo em que vivemos, tanto materialmente quanto culturalmente. A assimilação e a acomodação são as ferramentas do conhecimento, ou seja, os sistemas da inteligência que proporcionam a organização progressiva do conhecimento.

Para que o homem possa chegar ao pensamento formal, ele necessariamente passa por sucessões de períodos, não ligada somente às idades cronológicas. Segundo Piaget, essas sucessões são divididas em fases do desenvolvimento cognitivo, entendido também como jogos, classificados em fases sendo elas sensório-motora (0 a 2 anos) jogos de exercício, a fase pré-operacional (2 a 7 anos) jogos simbólicos, a fase operacional concreta (7 a 12 anos) jogos de regras.

1º FASE: SENSÓRIO-MOTORA (0 A 2 ANOS) - A fase dos reflexos, das primeiras emoções, fase onde há a organização de estímulos através da construção de noções de objeto, do tempo, da causalidade e espaço, onde começa a dissociar o eu do mundo exterior. Suas ações motoras são explícitas, começa a entender que a interação se dá com os movimentos.

Neste período podemos definir a inteligência sendo prática, o efeito da inteligência aparecerá bem antes da fala, se refere ao manuseio dos objetos, utilizando no lugar de percepções, conceitos e palavras os esquemas de ação. Um bom exemplo para definir essa inteligência é quando o bebê tenta puxar o pano de uma mesa para alcançar a chupeta que está nesse determinado local para conseguir apanhar o objeto desejado.

“É assim que nas ‘reações circulares’ o bebê não se contenta mais apenas em reproduzir os movimentos e gestos que conduziram a um efeito interessante, mas os varia intencionalmente para estudar os resultados destas variações, entregando-se a verdadeiras explorações ou ‘experiências para ver’. Todos puderam observar, por exemplo, o comportamento de crianças de doze meses, aproximadamente, que consistia em jogar objetos no chão, em uma outra direção para analisar quedas e trajetórias” (PIAGET, 2001, P.19).

A fase em que a criança toma posse de suas ações, onde começa a mexer as pernas, os braços, emitir sons, engatinhar, levar os objetos a boca, tenta imitar o que os adultos fazem. Neste período prevalece a acomodação, o bebê está se adaptando ao meio em que vive, imitando o que os outros fazem principalmente os adultos.

2º FASE: PRÉ-OPERACIONAL (02 A 07 ANOS) – Fase em que predomina a fantasia, o mágico, o faz-de-conta, o jogo simbólico, jogo da imaginação. O período em que a criança gosta de criar suas próprias histórias, das histórias imaginadas, dos contos de fada. A fase em que dá vida aos objetos inanimados, uma colher que pode virar um avião ou um soldado, o controle remoto tornar-se um celular.

Segundo Piaget, (1986, p 28):

(...) o jogo simbólico ou jogo de imaginação e imitação. Os exemplos são abundantes: jogo de boneca, brincar de comidinha. É fácil dar-se conta de que estes jogos simbólicos constituem uma atividade real do pensamento, embora essencialmente egocêntrica, ou melhor, duplamente egocêntrica. Sua função consiste em satisfazer o eu por meio de uma transformação do real em função dos desejos: a criança que brinca de boneca refaz sua própria vida, corrigindo-a a sua maneira, e revive todos os prazeres ou conflitos, resolvendo-os, compensando-os, ou seja, completando a realidade através da ficção.

Predomina o egocentrismo, o indivíduo ainda não desenvolveu a capacidade mental de conseguir cogitar o ponto de vista do outro. A criança está em constante monólogo, não fala precisamente para os outros, ela fala para si própria. O pensamento é falado em voz alta, acompanha a ação, muitas das vezes não tem o papel de comunicação. Expõe ideias do pensamento de forma desorganizada, os seus pontos de vista, sem confrontar com os de outra pessoa.

Neste período a imagem só representa coisas isoladas, a criança recorda da figura através da imitação interna, essa construção se dá pela imitação interna das ações que já foram realizadas no passado, sobre o real. Uma vez que a imagem é construída, ela pode ser acomodada e assimilada com as outras, assim se cria uma semelhança com as outras já guardadas no pensamento. Com isso a criança torna-se capaz de ir adicionando mais e mais imagens e assim organizando-se mentalmente.

A fase dos ‘porquês’, o desejo de respostas para todos os fenômenos dos quais os adultos muitas vezes não sabe responder, muitas dessas dificuldades para dar as respostas se associa a fenômenos ou acontecimentos que não permitem exatamente os porquês. A necessidade da resposta final para tudo.

3º FASE: OPERACIONAL CONCRETA (07 A 12 ANOS) – O período em que a criança está se aproximando mais da realidade, deixando de lado a fantasia,

usando mais da lógica. Onde a criança se depara com os reais fenômenos do mundo ao seu redor, entendendo as regras do local onde está inserido. Os jogos passam a ser ditados por regras das quais só findam se houver a obediência de tais regras já definidas. A criança passa a entender essas regras pois o pensamento nessa fase é reversível, não é o que ela impõe, e que ela acha certo, passa a ter a compreensão, o retorno ao ponto de partida.

Fase em que a criança já possui a capacidade de realizar generalizações, margarida = flor, lírio = flor, a criança entende que a palavra flor corresponde a um conceito, ou seja, inclui todas as outras flores, tanto a margarida quanto o lírio e quanto tantas outras. A palavra torna-se significativa, substituindo realmente o significado que ela produz, a partir da junção de um conjunto de objetos, de conhecimento já adquirindo e com isso forma certo sentido.

A linguagem já é socializada, a criança já consegue combinar as palavras, formando frases. Para descrever uma ação, primeiramente o indivíduo precisa operar, combinando os seus esquemas sensório-motores. Depois deve combiná-los em pensamento e então traduzi-los em palavras.

Por volta dessa idade a criança já passa a ser mais cooperativa, por dispor da capacidade de entender não somente o seu ponto de vista mas também o dos outros. É possível realizar discussões. Nesse momento pensam antes de agir, não agem como na fase anterior mais impulsivamente.

2. A ARTE DE SE EDUCAR ATRAVÉS DA MÚSICA

A música é arte. É a forma de arte que permite que um ser humano possa ser tocado, ao ouvir uma canção na rua, ao lembrar uma pessoa com apenas algumas notas de uma canção, é fazer música até com os estralar dos dedos, com o barulho dos carros na rua. É a transformação de uma emoção, de um sentimento do qual você não pode medir.

Música é a linguagem musical universal onde todos entendem e se relacionam por sons. É algo que todos sabem fazer, muitas vezes fazem e não notam que estão fazendo música. A música faz o dia ser mais vivo, mais interessante.

2.1 O que é a música

Afinal, qual o significado de Música? Música é o nome dado a arte, a técnica de adequar os sons de maneira harmoniosa e com ritmo, podendo ser demonstrado por meio dos instrumentos musicais, por meio da voz, dos sons do nosso corpo ou por meio de qualquer objeto que produza sons.. A arte de combinar de forma coerente os sons e o silêncio. Para defini-la é uma tarefa não tão fácil, pois apesar de ser involuntariamente conhecida por qualquer pessoa, não é fácil encontrar um conceito que englobe todos os significados possíveis para definir o que é a música. Depende do contexto cultural e social que cada ser humano está inserido e qual a sua ligação com a musicalidade.

Quando paramos para observar os sons a nossa volta, nota-se que a música é parte integrante da nossa vida, quando cantarolamos algo, quando batucamos de forma harmoniosa com algum objeto ou até mesmo no nosso corpo, a música está presente na TV, no rádio, nas redes sociais, nos jogos dos celulares, em diversos cantos podemos notar a música, o quão presente é na nossa vida. Ela é uma linguagem de comunicação universal, muitas vezes ela é utilizada para tocar o outro, varia muito de acordo com a intenção em que ela é colocada, seja ela pra ajudar o próximo, para fins religiosos, para vender um produto, protestar por algo, enfim, são diversas as formas de intenções por trás da junção dos sons.

Muitos de nós, seres humanos, fazemos ligação da música com a nossa vida, pois ela é capaz de aflorar diversos sentimentos em nós, dependendo da letra e da melodia da canção e quais os gostos musicais que cada um é mais familiarizado. Assim, a música está presente em vários momentos não somente importantes da nossa vida, podendo traduzir momentos de alegria, de romance, de tristeza, de dor, dentro outros

sentimentos. Nós muitas vezes ligamos a música ou o som de algo a alguma lembrança, um momento marcante da nossa vida, uma fase do nosso desenvolvimento como pessoa.

A forma em que ela é criada, o seu significado, o seu desempenho varia muito de uma cultura para outro, de acordo com o contexto social ali inserido também. Cada civilização possui suas características, manifestações próprias musicais. Mesmo não sendo feitas com esse objetivo, ela é considerada como uma forma de arte. A música não é somente como uma arte, ela também é utilizada para fins educacionais, terapêuticos, sociais, presente para ajudar em diversos momentos da vida de cada um.

2.2 Aspectos históricos da música

De acordo com estudos científicos, desde as primeiras tribos primitivas, localizada na África, a música fazia parte do cotidiano das pessoas. Provavelmente a música tenha surgido a cerca de 50.000 anos, no continente africano, espalhando-se pelo mundo com a disseminação dos humanos. A música é uma linguagem local e global, pois sofre influencia de acordo com a organização sociocultural e econômica local, dependendo também da tecnologia disponibilizada em cada região.

Foram encontrados em diferentes fontes arqueológicas, em gravuras, pinturas, a presença de músicos, instrumentos e dançarinos nesses registros. A música, a produção de instrumentos, já existiam antes mesmo de Cristo, as grandes civilizações do mundo antigo, povos que habitavam a mesopotâmia. A cultura egípcia, utilizava algumas formas de flautas, harpas, percussão, os sacerdotes treinavam as pessoas para um grande coro utilizado nos rituais sagrados dos grandes templos, os militares já utilizavam os trompetes e tambores nas solenidades oficiais. Na Ásia, nos primórdios dos seus povos, os chineses acreditavam que a música possuía um poder mágico. Já na Índia a música era considerada excepcionalmente vital.

Ainda se encontra algumas poucas peças musicais do século V antes de Cristo, e em sua maioria são gregas. Foram os filósofos gregos que criaram a teoria mais elaborada da linguagem musical na Antiguidade. Segundo Pitágoras o universo cantava, e isto era possível graças a música e a matemática que juntas formavam a chave para o segredo do mundo. Os romanos se apropriaram de grande parte das técnicas e teorias artísticas gregas e no contexto musical não foi diferente.

Quando procuramos falar da história da música ocidental, é possível dividi-las em períodos específicos. Isto foi possível depois que a Igreja Católica passou a dominar

a Europa. A Igreja, durante a Idade Média era quem ditava as regras culturais, sociais e políticas da Europa, intervindo na produção musical daquele período. Por volta do século IV a Igreja Cristã criou o canto gregoriano em homenagem ao Papa Gregório (540-604), que publicou em dois livros sua coleção de peças cantadas. No século IX, foi criado o “Organum”, foram as primeiras músicas polifônicas com duas ou mais linhas melódicas.

Foi pensado na composição de uma música mais universal no período do século XIV, buscando se distanciar do que a igreja propunha, era denominada música renascentista. Após esse período, no século XVII, surgiu a música barroca, uma música com conteúdo mais dramático e muito elaborado. Neste mesmo período estava surgindo também a ópera musical. Logo após o estilo Barroco, surgiu a Música Clássica, neste mesmo período a orquestra passa a tomar forma e a ser valorizada. É nessa época em que as composições passam a ter mais importância que as compostas para canto. Surge o concerto, uma espécie de luta entre o solo instrumental e a orquestra. Os compositores do período do romantismo procuram expressar a maior liberdade da organização da forma e da concepção musical, procurando valorizar a intensidade da emoção, revelando através da música os sentimentos e os pensamentos mais profundos, com essa valorização a emoção humana é extremamente demonstrada. Com tamanha expressão, foi no romantismo que começou-se o Nacionalismo musical, onde os compositores buscavam compor em suas músicas as variadas maneiras de sentimentos de seu povo.

Já no século XX começa então a surgir novas tendências e técnicas musicais, muitas ainda se encontram em percurso, entre elas: Influências jazzísticas, Atonalidade, Pontilhismo, Música concreta, Música eletrônica dentre outras. Sem contar nas músicas específicas de cada cultura. Possuindo certa importância também, os músicos que criam seu estilo característico e pessoal.

3. A MÚSICA NA ESCOLA

É interessante que as escolas tenham a educação musical de uma forma mais enriquecedora, que transmita a cultura na qual a criança está inserida, culturas diferentes, levando os alunos a socialização, a apreciação, a escuta naquele momento.

A musicalização contribui para estimular a criatividade e a individualidade, é uma importante fonte de alegria e realização. Auxilia no desenvolvimento da inteligência em outras áreas. A música é tão importante quanto as outras disciplinas.

3.1 A história da música na escola

Desde muito tempo a música se faz presente na educação de crianças e adultos. Nas antigas sociedades a música expressava alegrias tristezas, inquietações e raivas de acordo com o coletivo. As manifestações musicais concebem uma linguagem com características únicas de cada sociedade.

No início dos tempos, o homem descobre os sons e o ritmo em seu próprio corpo e no ambiente que lhe cerca. Passa então a desenhar nas pedras, de forma bem irregular, os sons desenvolvidos no seu dia a dia. Ao longo de sua evolução, o ser humano vai aprimorando a linguagem musical, favorecendo também o desenvolvimento de outros campos.

Coube aos gregos a valorização da linguagem musical na educação e a propagação do ensino da música entre os romanos. Era considerada na Grécia, fundamental para a formação do cidadão, tanto quanto a filosofia, o seu ensino se dava início na infância.

Encontrava-se restrito, somente aos mosteiros, na Europa medieval. Em um período consecutivo a música foi implantada nas escolas e em núcleos intelectuais, onde formava o quadrivium, a junção da música com a aritmética, a geometria e a astronomia.

Na Europa, por volta do século XVII, apareceram duas tendências no ensino da música; o racionalismo que defendia o ensino da teoria musical, e o sensorialismo que optava pela prática musical. O sensorialismo deixa uma inquietação pedagógica para que mais na frente, Jean-Jacques Rousseau a responda, criando uma série de exercícios musicais, com o objetivo de transmitir e popularizar o ensino da música. É na França,

no século XIX, que este ensino passa a ser valorizado novamente, evoluindo cada vez mais, graças aos que continuaram e aperfeiçoaram os exercícios musicais criados através do trabalho de Rousseau.

Foi formada a chamada Escola Nova, a partir da reação de alguns intelectuais do racionalismo, por volta do século XX. Os criadores reconhecem o ritmo como elemento ativo da música e propiciam as atividades de expressão e criação. Para os simpatizantes da Escola Nova, essa linguagem musical deveria ser necessária e acessível a todos, sem restrições de acordo com a inteligência de cada um.

Nas primeiras décadas de XX, retorna a educação musical das crianças através da atividade e da experiência. Na segunda metade do século, passou-se a prevalecer de que:

O estudo do desenvolvimento musical envolve necessariamente a observação das reações do ser humano ao primeiro contato com a música, o estudo da forma pela qual a música consegue integrar-se ao seu ser íntimo e adquirir significação para sua vida pessoal, assim como conhecimento musical e a caracterização dos modos pelos quais o ser humano participa da atividade humana. (MÁRSICO, 1982. p.17).

Procurando assim compreender o desenvolvimento do ser humano na construção do conhecimento, nos atemos às teorias psicológicas desenvolvimentistas, tais como a psicanalítica de Erikson, a cognitivista de Jean Piaget e a de aprendizagem de Sears. Para Moreira e Masini:

A psicologia cognitivista preocupa-se com o processo da compreensão, transformação, armazenamento e uso da informação envolvida na cognição, e tem como objetivo identificar os padrões estruturados dessa transformação. A asserção central é a de que ouvir, ver, cheirar etc..., assim como lembrar, são atos de construção que podem fazer maior uso dos estímulos externos, dependendo da circunstância, isto é, das condições pessoais de quem realiza o processo”. (MOREIRA, 1982. P.3.).

3.2 A expressão da criança por meio da linguagem musical.

O conhecimento musical dará início por meio da interação com o ambiente, por meio de conhecimentos concretos, que de pouco em pouco vai chegando a abstração. A criança se envolve completamente com a música e vive em frequente modificação, para que chegue até uma resposta elaborada.

Atualmente, a linguagem musical é estudada e analisada em diferentes aspectos: como terapia, como relação importante entre certos

comportamentos da sociedade e o consumismo, com recurso dos meios de comunicação de massa, como meio de sensibilização na educação de deficientes auditivos e como auxiliar em psicoterapia. (SANTA ROSA, 1990. p. 15).

Dentro do ambiente escolar há uma transformação na aula de música, há uma maior independência dos alunos e uma maior descontração dos professores, produzindo mais a prática musical expressiva e criativa. De acordo com as teorias psicológicas desenvolvimentistas e dos estudos de alguns musicólogos, conclui-se que ao comunicar sobre o aprendizado de música condiciona as experiências passadas da criança, a memória, à percepção, a atenção e a sua interação com o mundo.

Podemos dizer que, quanto mais produtivo for o trabalho educativo no campo da música, mais conheceremos do desenvolvimento humano. É uma compreensão progressiva da linguagem musical, isso se dá através da convivência com experimentos realizados em sala de aula e no convívio como um todo do aluno. Sendo assim um desafio diário para os educadores.

A criança se encontra em um processo de representação ao pensar numa ideia e se expressar verbalmente, quando a criança canta ela está externando a representação construída através de uma leitura de mundo. A vivência dessa linguagem musical proporciona a representação do saber que é construída através da interação intelectual e afetiva da criança com o ambiente que lhe cerca. Conseguimos compreender a linguagem musical a partir da experiência com a mesma.

As atividades relacionadas a música devem oferecer a criança a vivência de fatos musicais, garantindo assim que ela utilize a linguagem musical, bem como a proposta curricular para o ensino de Educação Artística do Governo do Estado de São Paulo apresenta (1988. p.10):

A criança é um ser sincrético, ou seja, sua percepção de mundo é multidimensional e simultânea. Aberta a todos os canais, a criança pequena vive intensamente cada descoberta, colocando-se por inteiro em cada situação. Quando brinca, e brinca com toda a seriedade, pinta, desenha, a criança explora sons, inventa músicas(...).

A partir da sua própria experiência, o educador deve desenvolver a essência da linguagem musical, propiciar aos alunos situações em que o mesmo possa olhar o mundo ao seu redor e se expressar, esse olhar serve para assimilar e perceber significados em todas as coisas. A criança assim constrói o seu pensamento através da interação com o ambiente, compreendendo a relação que há entre as coisas, isso inclui

os sons, as canções, as diversas formas de linguagem musical. Esse conhecimento o irá acompanhar durante toda a sua vida.

Assim como ao longo da história, o conhecimento musical foi se aprimorando, de acordo com as vivências. Os instrumentos ao longo do tempo foram tornando-se cada vez mais sofisticados, o entendimento dos sons produzidos pelo homem e os sons dos ambientes que lhe cercam, foram cada vez mais aprimorados. A criança também passa por esse desenvolvimento, ao decorrer de suas experiências, do seu crescimento ela vai descobrindo os sons, os ritmos, desenhando, experimentando instrumentos musicais, produzindo-os, descobrindo ao longo de sua vida os sons que lhe cercam.

A música é uma linguagem expressiva, as canções são veículos de emoções e sentimentos. Existe uma expressão em toda ação humana, essas representações criadas possuem diversas significações que vão tanto do plano psicológico, social e cultural de um momento da história do homem.

O ser humano é um ser criativo, em diferentes graus, diferentes formas e em diferentes situações. A criatividade rompe continuamente com estruturas repetidas, a mente humana é criativa, tendo a capacidade de identificar diversos problemas, associando várias ideias sobre um mesmo assunto, organizando e encontrando respostas que possam satisfazer ou solucionar determinado esquema.

Para que o trabalho pedagógico possa melhor fluir é interessante que esse educador seja uma pessoa inteira, criativa e crítica, portanto, a linguagem musical deve ser um dos meios para se alcançar esta educação. Esses bons resultados alcançados pela postura reflexiva e crítica do professor, facilitam o aprendizado, concede situações enriquecedoras, dispondo de experiências que possam certificar a expressividade infantil.

3.3 A música como apropriação do conhecimento

Nem mesmo as escolas tem levado em conta sobretudo as cantigas de roda e as músicas do nosso folclore. Precisamos resgatá-las, pois além de fazerem parte da nossa cultura, elas são um excelente recurso pedagógico, que poderão contribuir para ampliar a aprendizagem das crianças durante as aulas. A música como provocadora de uma expressão corporal espontânea, quando estimulada, despertará, com certeza, o interesse para outros conhecimentos a partir dos temas que estão descritos em suas letras. (SANTOS, 1998, p. 66)

Pode-se trazer para a sala de aula, várias músicas, que podem ser analisadas como tema gerador de aprendizagem, essas podem ser brincadeiras cantadas, cantigas de roda, músicas regionais e outras mais. Músicas que trazem um viés pedagógico para a sala de aula, gerando também atividades multidisciplinares, isso só será possível se o professor possuir a sensibilidade de desenvolver atividades com esse punho. Partindo do interesse da turma em que será aplicada, da realidade dos alunos e da disponibilidade da escola em realizar atividades com esse viés, se está adequado ao plano de aula estabelecido.

Será retratada aqui neste trabalho uma situação fantasiosa, exemplos de atividades, com uma música como tema gerador de aprendizagem, suas variadas formas de se trabalhar com os alunos em sala de aula, algumas propostas de atividades, onde será trabalhada a língua portuguesa, a expressão corporal, conteúdo esse que poderá ser apresentado pela escola durante o procedimento de alfabetização, sendo adequado ao planejamento, respeitando o nível de desenvolvimento e conhecimento dos alunos. Deve haver o respeito ao conhecimento espontâneo, a criatividade e as necessidades da turma. Se adequando a realidade ali encontrada.

Seria proposta para a turma a cantiga popular ‘borboletinha’, seria exposta em papel madeira a letra da música, os alunos a escutariam para reforçar. A partir de então, o professor iria propor diversas atividades, interdisciplinares, dependendo do contexto e do que gostaria de trabalhar com os seus alunos. Apresentarei algumas propostas tanto no âmbito da língua portuguesa, da capacidade corporal, das ciências que podem ser realizadas através dessa cantiga, dentre tantos outros eixos da educação escolar:

A língua portuguesa: a partir do título ‘borboletinha’, destacar as sílabas da família do b; ba, be, bi, bo, bu, junto aos alunos e dar exemplos de palavras que comecem com essas sílabas. Pedir para que as crianças recortem em revistas e jornais palavras e/ou imagens começadas ou terminadas com as sílabas destacadas e façam um mural com as palavras e as imagens.

A capacidade corporal: sem o auxílio da música ao fundo no aparelho de som, dividir a turma em grupos e pedir para que um grupo cante a cantiga, um grupo bata com os pés, um grupo assobie outro grupo bata palmas, de acordo com o ritmo da música. Um grupo cante baixinho uma estrofe e mais alto a outra estrofe e assim invertendo as situações. Que produzam sons diferentes com o corpo, de acordo com o ritmo da canção.

A ciências: questionar quais as crianças tem animais de estimação em casa e quais são. Levantar questões relacionadas a animais domésticos e animais selvagens. Cada aluno apresentar qual o seu animal favorito e produzir um texto, até mesmo com ilustrações, de acordo com o que ele sabe do seu bichinho preferido e assim discutir com a turma sobre esses animais.

São essas e mais outras opções de possibilidades para se trabalhar a música como tema gerador. As crianças adoram quando se traz para a sala de aula músicas do seu convívio e até as que não possuem conhecimento, essas canções podem ser adequadas ao planejamento de cada professor, cabe ao profissional abusar e usar de sua criatividade para com os seus alunos. Com o decorrer da temática, de acordo com o desenvolver da turma o professor poderá planejar e replanejar com os alunos, de acordo com o desenrolar das ideias, dos temas e dos sub temas que vão aparecendo. Desta forma mais solta, mais brincante, mais lúdica as crianças aprenderão e terão mais prazer de ir assistir as aulas, de ir para a escola, aprender cantando, brincando.

3.4 Relação entre a formação do educando com a linguagem musical.

Um bom educador apresentam aos seus alunos diversas situações de aprendizagem, dentre elas a educação musical. Lembrando que a atividade com linguagem musical não serve somente para a recreação, em muitos momentos se for uma atividade bem elaborada pode ser uma forma de representação da vida do aluno. Um educador ligado, olha o mundo e está sempre descobrindo objetivos importantes que possam auxiliar no momento do aprendizado da linguagem musical. Assim, podemos dizer que a música faz parte da construção sistemática e significativa no processo integral do desenvolvimento do ser humano.

Quando acontece o ensino da música ocorre um favorecimento no desenvolvimento do gosto e senso musical da criança, propiciando o gosto estético e da expressão artística. Formando futuros adultos capazes de desfrutar, refletir e entender a música. O professor pode trabalhar a música atrelada as outras áreas do ensino, realizando uma interdisciplinaridade, com a Matemática, História, Geografia, Português, Ciências e diversas outras áreas do meio escolar, já foi comprovado o quanto a música ajuda a aprendizagem, de uma melhor forma fixa os assuntos relevantes de maneira mais lúdica, mais agradável. Para ser realizado tamanho feito o professor pode utilizar músicas que envolvem números, datas importantes, gramática, fatos históricos.

No período da alfabetização, o professor pode utilizar-se de técnicas musicais para propor atividades que contribuam para o desenvolvimento da imitação de gestos e sons, da atenção, da percepção, da memorização, do raciocínio, da linguagem, da expressão corporal e da inteligência.

Essas funções psiconeurológicas envolvem aspectos psicológicos e cognitivos que constituem as diversas maneiras de adquirir conhecimento, ou seja, são as operações mentais que usamos para aprender, para raciocinar. A simples atividade de cantar uma música proporciona à criança o treinamento de uma série de aptidões importantes. (SANTA ROSA, 1990. p. 21).

As crianças pequenas já são capazes de reconhecer a profusão de ritmos, seja ele no piscar de olhos, na batida do coração, no relógio, nos pingos de chuva, num motor, numa banda em diversas brincadeiras e nos trabalhos manuais, dentro outros ritmos que nos cercam. É necessário que seja desenvolvido nesses alunos o senso de ritmo. O conhecimento é construído a partir da interação da criança com o meio ambiente, cabe ao professor desenvolver junto com a criança análises e compreensões, descobrir os ritmos do mundo observando e tendo o contato com os diversos instrumentos musicais, ter o contato com as outras artes, a dança, o teatro e outros.

O educador deve estar atento as diferentes formas de expressões desenvolvidas pelas crianças, sejam elas individuais, procurando a compreensão dos nossos costumes, da nossa realidade e da nossa história, facilitando a formação da cidadania, compreendendo a importância de sua participação e do seu papel na sociedade ou em grupos mais complexos, formando grupos, bandas, corais, brincadeiras cantadas, esse trabalho deve-se atentar e manter a expressividade de cada elemento envolvido no trabalho. Se necessário o professor deve interferir, incentivar o respeito ao outro, promover conciliações.

A música tem a sua contribuição para que o ser humano aprenda a conviver em sociedade, compreendendo aspectos comportamentais como a gentileza, o respeito, na formação de hábitos como noções de higiene, manifestações folclóricas, datas comemorativas e outros. Dentro das escolas é bastante comum a utilização da música nas situações de datas comemorativas, muitas vezes ficando somente nisso, músicas relacionadas a datas importantes, esquecendo-se com o decorrer dos anos e das séries que vão se passando, a importância da linguagem musical para outras diversas atividades realizadas dentro da escola, não somente na Educação Infantil, onde as atividades são mais lúdicas. O emprego da música nas datas comemorativas deve ser aproveitado adequadamente, que não seja somente pelo passatempo, a recreação. É

interessante que o educador, mostre a importância de tais músicas, essas que constituem um recurso didático interessante e dinâmico, podendo trabalhar através delas diversos assuntos relacionados a outras disciplinas.

Com as mudanças tecnológicas que acontecem no mundo a música também participa desse progresso, tanto pela televisão, cinema, rádio. Um educador dedicado e atento deve sempre está atualizado, acompanhando, entendendo, analisando a presença da música do mundo atual, podendo assim auxiliar no esclarecimento dele e das crianças nos momentos das atividades. É interessante que ocorra um entendimento tanto para a criança quanto para o educador do trabalho com a linguagem musical, ocorrendo uma conscientização da importância de se respeitar a expressividade infantil e a criação de oportunidades para que a criatividade esteja sempre que possível presente em sala.

Sempre em busca de criar e recriar, transformar, desenvolver. Pode ser um trabalho muito diversificado e rico. Se o educador conhecer as fases das crianças, confiar nas potencialidades, acreditar na capacidade criativa de cada aluno ele conseguirá alcançar um grande resultado.

4. RELATOS DE EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PROFESSOR DA REDE PÚBLICA, PROFESSOR DA REDE PARTICULAR.

Tive a oportunidade de conversar com vários educadores durante o período em que desenvolvia este trabalho. Sempre que pude conversei com eles sobre a educação musical, do que eles conheciam, como as praticavam dentro da sua sala de aula, os professores trabalhavam tanto na rede privada como na rede pública, com isso foi realizado questionários para um professor da educação privada e para um professor da rede pública, com perguntas relacionadas ao presente trabalho.

O primeiro entrevistado é um educador da rede pública de Fortaleza, que cursou sua faculdade em pedagogia na Universidade Federal do Ceará. Segundo o mesmo, o curso de Pedagogia é dividido em disciplinas teóricas e práticas. O educando relata que para a sua regência em sala de aula foi de extrema importância as disciplinas ligadas aos fundamentos da educação, pois para ele além de ter contato com alguns textos que ajudavam não somente em sala de aula mas a pensar e a refletir a educação brasileira, a mudar as práticas da vida como um todo.

Professor efetivo a dois anos do setor público, ele relata que o mais difícil da realidade pública é a falta de apoio, apoio a qualidade, a relação entre os pares, e principalmente as turmas numerosas e a péssima estrutura a qual é submetido. Ele se queixa de que não tem referências dentro da escola de profissionais mais antigos, ou de algum exemplo de uma prática que ele veja como uma possibilidade de “imitação”, pois muita das professoras tem a visão completamente diferente da dele. Não há muitas interações entre eles, pois na escola onde trabalha ainda existe muito as práticas patrimonialistas, e para quem acabou de chegar é bastante complicado de trocar experiências, saber mais do outro. Ele vai praticando o que aprendeu e vendo o que vai dando certo e o que não.

Quando se diz respeito ao trabalho educativo da música, o mesmo sabe da importância dela para o desenvolvimento da fala. Dentro das creches e pré-escolas é significativo para os trabalhos com o corpo, como a dança, o teatro e também com a linguagem escrita. Na escola onde ele trabalha são desenvolvidos temas mensais e trabalham as áreas de conhecimento, com sequências didáticas que fazem referência ao tema proposto, onde a música está presente. As atividades são realizadas da seguinte forma; são colocadas a letra da música na sala, cantam, trabalham com as palavras que se repetem, ou a letra inicial de algumas e fazem algumas vezes, coreografias para as

apresentações com as músicas. Além disso, são realizadas rodas de conversas onde cantam músicas variadas, quase sempre sugeridas pelas crianças, ou o professor vai ensinando no decorrer da semana.

Trabalhar com a música, dessa forma é algo prazeroso não somente para ele, mas para as crianças também, são poucas as crianças que se recusam a dançar ou cantar. Para ele a educação musical é importante para o desenvolvimento da fala, o desenvolvimento das habilidades corporais de motricidade ampla, a inibição e as habilidades para o teatro, a desenvoltura.

O educador relata que não se sente apto totalmente para realizar as atividades musicais, porque além de ter faltado conteúdo, ofertas de disciplinas dentro do seu curso de formação, a falta de estudos sobre os efeitos da música para as crianças pequenas e muito menos como proporcionar atividades diferentes com músicas para as crianças, ele também não pode sair de dentro do projeto da escola, mesmo tendo ciência de que o trabalho com música vai muito além do letramento, pois a prefeitura tem como foco o letramento, os resultados do PAIC (Programa de Aprendizagem na Idade Certa), onde o mesmo visa a alfabetização dos alunos na idade certa, onde os cursos oferecidos pela prefeitura só focam mais nesses programas, impossibilitando o acesso a outras formas de atribuições de conhecimento.

A segunda professora a qual entrevistei, que respondeu o questionário aplicado vem de uma faculdade particular, como também ensina numa escola do setor privado. Ela é formada pela UVA (Universidade do Vale do Acaraú), pós-graduada em educação infantil na instituição Darcy Ribeiro. Ela define tanto a graduação, como a pós-graduação de grande enriquecimento para a sua regência, ela é a professora que é hoje graças aos ensinamentos adquiridos no decorrer de sua formação. A mesma pretende ainda fazer outras pós para poder enriquecer seus estudos e acompanhar tudo o que há de novo na educação.

Ela já trabalha a dez anos na mesma instituição, particular, onde entrou na mesma como auxiliar e teve a oportunidade da promoção assim que se formou. Passando por testes dentro da escola para saber se estava apta a exercer a função.

Para ela a musicalização ajuda principalmente na socialização das crianças, para a perda da timidez que ocorre muitas vezes no início do período letivo. Ajuda nos momentos em que a criança tem em se desenvolver, criar. Para ela a música entra de maneira mais íntima, mais gratificante, a criança aprende com mais facilidade, com a

música se pode trabalhar a parte motora, os movimentos corporais, de uma forma mais leve, mais positiva.

A mesma não encontra dificuldades para se trabalhar a música dentro da sala de aula com os alunos, pois ela vem para somar, quanto mais movimento, melhor é a participação dos alunos. A educação musical é importante para o desenvolvimento emocional, afetivo, cognitivo e motor.

Sobre se sentir apta a realizar atividades musicais, ela relata que todas as sextas-feiras as crianças fazem aula de música no jardim da escola, sendo uma forma de socialização, para ela uma forma mais receptiva de acolher os alunos. A mesma faz uso de instrumentos musicais nesse momento para com as crianças, a música é utilizada nas acolhidas e nesses momentos das sextas-feiras, crianças de dois anos de idade.

A oportunidade dentro da formação da mesma foi quando ela conseguiu ter acesso a disciplina de contação de histórias que, segundo ela, está muito ligada a musicalização, ao lúdico.

CONCLUSÃO

O trabalho apresentado possibilitou o acesso a alguns conhecimentos do qual não tive a oportunidade de conhecer dentro do curso de graduação, foi a partir da curiosidade em saber mais sobre o tema que foi desenvolvido o mesmo. Mostra o desenvolvimento da criança, o que é educação infantil, como se pode trabalhar a musicalização com os alunos sem interferir no planejamento das instituições, tentando sempre que possível trabalhar mais com o lúdico para se obter os resultados esperados pelas escolas. O professor sendo mais sensível e apto para desenvolver atividades multidisciplinares e que envolvam a musicalização nesse processo.

Com todo o apoio teórico que existe disponível para nós, educadores, é possível trabalhar um pouco mais com a educação musical em sala de aula, um desafio a ser encarado. Pois não são todas as instituições que irão permitir que o profissional saia do que já estão acostumados a ensinar aos alunos, muitas escolas ainda tradicionais, ao ponto de achar que a criança não irá aprender se realizar atividades mais lúdicas.

De acordo com as vivências e as entrevistas feitas com alguns educadores foi possível notar o quanto é diminuto o ensino da educação musical dentro do percurso acadêmico, cabe ao professor, a partir do seu interesse ir a busca de conhecer mais sobre o assunto. O que eles fazem com a música é muito pouco dentro das vastas possibilidades de se trabalhar a música em sala de aula.

Pude notar que nem todos os educadores tem consciência do que é educação musical, para muitos a realização de uma atividade relacionada com uma música, cantar músicas, cantigas de roda no momento da acolhida, já é o suficiente, entende educação musical somente por isso. Atividades rasas, sem aprofundamento, que servem somente para aquele momento de diversão, não aplicam em suas turmas mais da musicalização por temer que saiam do seu controle e que não tenham relação com o seu planejamento.

Desconhecem que, se pode fazer várias atividades, momentos em sala de aula com uma música explorar todos os elementos ali presentes. Grande parte dos professores não tem o conhecimento de que se pode fazer música com o corpo, com uma folha, com o vento que corre na janela de sua sala, se limitando apenas a algumas cantigas, músicas e instrumentos, sem notar a vasta possibilidade que há ao seu redor, dentro mesmo da sua sala de aula.

A música é tão importante quanto as outras disciplinas, quando ocorre a multidisciplinaridade dentro da sala de aula, é riquíssimo para a aquisição de

conhecimento. Ela proporciona bons resultados, quando são interligados a outras disciplinas, pois é um momento mais leve, aprende-se brincando. Contribui na qualidade de vida tanto do ambiente escolar, como para a comunidade.

A partir deste trabalho, como educadora, procurarei mais sobre a música em sala, pois a sua contribuição para com as crianças, relacionadas ao seu desenvolvimento escolar, afetivo, social e motor é de grande valia. Essa forma de ensino pode ajudar ao educador para que as atividades não se tornem enfadonhas, os momentos mais prazerosos, a sala de aula pode tornar-se um local mais gostoso de ficar, com atividades que trarão satisfação tanto para o aluno, quanto para os pais, como a gestão da escola, e de auxílio para a saúde mental e física do professor, tornando a sua profissão menos cansativa e desgastante como é relatado por muitos profissionais da área.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **O jogo e a educação infantil: falar e dizer, escutar e ouvir, fascículo 15**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB** (Lei n. 9394/96). Brasília - DF. 23/dez/1996.
- CRUZ, Sílvia Helena Vieira. **Infância e educação infantil: resgatando um pouco da história**. Fortaleza, SEDUC, 2000.
- CAMPOS, Maria Malta. **Educar e cuidar: questões sobre o perfil do profissional de educação**. In: Por uma política de formação do profissional de educação infantil. Brasília, MEC 1994.
- FARIA, Anália Rodrigues. **O pensamento e a linguagem da criança segundo Piaget**. São Paulo, SP: Editora Ática, 1997.
- KRAMER, Sônia. **Histórias de professores: Leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo. Ática. 1996.
- LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 2º edição. São Paulo, Ícone editora LTDA 1989.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade: O que é mesmo isso?**/Bernadete de Souza Porto (Organizadora). Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação; Gepel, 2002.
- MÁRSICO, Leda O. **A criança e a música**. Porto Alegre/Rio de Janeiro, Globo, 1982.
- MOREIRA, Marco e MASINI, Elsie F.S. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo, Moraes 1982.
- PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia**. 14º impressão. Rio de Janeiro, RJ: Editora Forense Universitária LTDA, 1986.
- Proposta curricular para o ensino de Educação Artística, Primeiro Grau –** Secretaria de Estado da Educação – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP), 1988.
- Resolução N° 002/2010**. Conselho Municipal de Educação de Fortaleza – CME. Lei N°.7.991/96 – Lei (alterações) N°. 9.317/22017.
- SANTA ROSA, Nereide S. **Educação musical para a pré-escola**. São Paulo, Ática S.A, 1990.

SARMENTO, M. J. & PINTO, M. **As crianças: Contextos e identidades**. Braga, Portugal. Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997.

SOARES, Ilma Maria Fernandes, PORTO, Bernadete de Souza. **Revista da FAEEBA: Educação e contemporaneidade** / Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação I – v.1, n. 1 (jan./jun., 1992) – Salvador: UNEB, 1992.

<<https://www.infoescola.com/musica/historia-da-musica/>> Acesso em: 29 nov. 2017.

<<https://www.meusdicionarios.com.br/musica>> Acesso em: 29 nov. 2017.

ANEXO A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

QUESTIONÁRIO

- 1** – Qual a sua formação? Onde você fez, como foi seu curso?

- 2** – Conte um pouco sobre as suas experiências dentro do âmbito escolar. Você trabalha no setor público ou privado. À quantos anos exerce a profissão.

- 3** – Em sua opinião, fale sobre o trabalho educativo com a música, se em sua sala de aula utiliza desse meio.

- 4** – Você encontra dificuldades para se trabalhar com a música com seus alunos? Relate sobre se houver impasse e se não houver conte sobre as possibilidades oferecidas pela instituição na qual você trabalha.

- 5** – Com base em seus conhecimentos, qual a importância da educação musical para a criança?

- 6** – Você se sente apto para a realização de atividades musicais com os seus alunos, relate:

- 7** – Houve oportunidade dentro do seu curso acadêmico de conhecer e se apropriar desta forma de abordagem, relate: